

**MESTRADO PROFISSIONAL: EXPERIÊNCIAS DOCENTES PARA O
ENSINO FILOSÓFICO DA FILOSOFIA**

**PROFESSIONAL MASTER'S DEGREE: TEACHING EXPERIENCES
FOR THE PHILOSOPHICAL TEACHING OF PHILOSOPHY**

*José Teixeira Neto¹
Magnun Luiz de Oliveira²
Sueny Nóbrega Soares de Brito³*

Recebido em: 05/2018
Aprovado em: 07/2018

Resumo: O objetivo desse texto é apresentar duas experiências que incluem pensar o ensino da filosofia a partir da experiência docente de professores da educação básica, que foram supervisores do PIBID e hoje são alunos do PROF-FILO. No primeiro momento, Magnun Luiz de Oliveira apresenta o “ensino menor de filosofia” através da experiência do consultório filosófico, projeto do Subprojeto Filosofia do PIBID da UFRN/Natal. Depois, Sueny Nóbrega Soares de Brito traz “a experiência de si no processo de ensinar e aprender no ensino de filosofia”, que retoma a experiência própria de ensinar filosofia a partir das discussões suscitadas no mestrado.

Palavras-chave: Experiência. Ensino. Filosofia.

Abstract: This work aims to present two experiences that include thinking about the teaching of philosophy from the teaching experience of basic education teachers who were PIBID supervisors and today are PROF-FILO students. At the first moment, Magnun Luiz de Oliveira presents the “minor teaching of philosophy” through the philosophical practice experience, a project of the PIBID Philosophy Subproject of UFRN/Natal. Then, Sueny Nóbrega Soares de Brito brings “the experience of oneself in the process of teaching and learning in the teaching of philosophy” that upturn the own experience of teaching philosophy from discussions generated in the master’s degree.

Key words: Experience. Teaching. Philosophy.

Introdução

Vivemos tempos incertos. O perigo ronda a presença obrigatória da filosofia no Ensino Médio conforme havia proposto a Lei Nº 11.684 (de 2 de junho de 2008). Esse perigo e os seus tentáculos é resultado da tempestade de “reformas” que impetuosamente varrem o

¹ PROF-FILO/UERN. Email: josteix@hotmail.com

² PROF-FILO/UERN. Email: magnun.filo@gmail.com

³ PROF-FILO/UERN. Email: suenynobrega@hotmail.com

território brasileiro. Nesse caso, especialmente a reforma do Ensino Médio com a promulgação da Lei Nº 13.415 (de 16 de fevereiro de 2017) e a Base Nacional Curricular Comum – BNCC, entregue no dia 03 de abril ao Conselho Nacional de Educação-CNE. Na prática, esses dois documentos exigirão, por um lado, mudanças significativas nos cursos de formação de professores e, por outro, a mudança dos currículos escolares. Os tentáculos do perigo que ameaçam a presença da filosofia na Escola já alcançaram também os Subprojetos de filosofia do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência-PIBID que, encerrados em março de 2018 sem uma avaliação dos seus impactos, serão retomados em agosto do mesmo ano, com novos projetos formulados a partir do Edital Nº 7/2018 (PROCESSO Nº 23038.001433/2018-98). Tememos que de alguma forma, essas mudanças também impliquem de qualquer modo os projetos e as pesquisas que discutem o ensino da filosofia, a pós-graduação, em primeiro lugar, o Mestrado Profissional recém-iniciado, e também os programas de pós-graduação em filosofia que se alastraram por quase todo o país.

Esse “temor” não é exagerado. Afirmamos isso olhando para os impactos positivos que a presença obrigatória da filosofia causou no Curso de Licenciatura do Campus Caicó, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte-UERN: campo de estágio específico para os licenciandos em filosofia; o Subprojeto PIBID Filosofia (2010-2018) que atendeu mais de 50 bolsistas, 05 supervisores, três escolas do Ensino Médio com mais de 2.000 alunos e que viabilizou a aprovação no Projeto de Curso (PPC 2017)⁴ de disciplinas como Didática do Ensino de Filosofia e Laboratório de Ensino de Filosofia; o Subprojeto Filosofia PIBID do Campus Caicó (UERN), também possibilitou aumentar o número de pesquisas na graduação sobre o ensino de filosofia e, conseqüentemente, a criação do Grupo de Pesquisa Ensinar e Aprender na Educação Básica (CNPq/UERN); as Jornadas de Ensino de Filosofia e as Semanas de Filosofia dedicadas às discussões sobre filosofia e ensino também são frutos, em parte, das problemáticas abertas pelo PIBID. Além disso, não se pode pensar o Mestrado Profissional sem a filosofia na Escola e, esse, certamente, está sendo o maior impacto da presença obrigatória da filosofia na escola para a nossa realidade de um curso no interior do Rio Grande do Norte.

Contra esse “pessimismo”, será exigido dos que pensam e trabalham na e pela filosofia na Escola muito mais do que resistir às leis que já estão postas ou as que ainda estão a caminho. Será necessário, no caso da filosofia, compreender e articular com as outras áreas os “estudos e práticas”, conforme o § 2º do Art. 35-A da Lei 13.415. Além disso, e talvez de

⁴ Em tramitação na Pró-Reitoria de Ensino de Graduação-PROEG/UERN.

forma mais imperiosa, será necessário pensar junto com a Escola e com os professores de filosofia e das outras áreas, os itinerários formativos, pois, vale lembrar que a versão da Base Nacional Comum Curricular, parte do Ensino Médio, entregue no dia 03 de abril ao Conselho Nacional de Educação-CNE (2018, p. 32. *Grifos nossos*) ao retomar o Parecer CNE/CP nº 11/2009 afirma que

A organização por áreas, [...], não exclui necessariamente as disciplinas, com suas especificidades e saberes próprios historicamente construídos, mas, sim, implica o *fortalecimento das relações* entre elas e a sua *contextualização para apreensão e intervenção na realidade*, requerendo trabalho conjugado e cooperativo dos seus professores no planejamento e na execução dos planos de ensino.

Se considerarmos a transversalidade (GALLO, 2006) e a interdisciplinaridade (SEVERINO, 2011) da filosofia, talvez, então, devamos apostar que os professores de filosofia nas escolas e nos cursos de formação de professores poderiam assumir essa tarefa. Porém, sem perder de vista o excesso de experiências (LARROSA, 2002) e de vivências que já transbordam dos últimos anos da presença obrigatória da filosofia nas escolas. Para tanto, devemos traçar caminhos e criar brechas. “Buscar aliados”. “Suscitar acontecimentos” (DELEUZE, 2013).

Compreendemos que o Mestrado Profissional em Filosofia se coloca nesse traço do pensamento de Deleuze. Os aliados, se quisermos sentir a filosofia aprendida e ensinada nas escolas, serão os professores que ali dão sentido ao que se faz em nome da filosofia. O mesmo mestrado, por sua vez, pode provocar acontecimentos na própria prática docente desses professores, pelo menos pode abrir brechas em certos modos naturalizados⁵ de fazer filosofia nas escolas. O objetivo desse texto é apresentar duas experiências que incluem pensar o ensino da filosofia a partir da experiência docente de professores da educação básica, que foram supervisores do PIBID e hoje são alunos do PROF-FILO. No primeiro momento, Magnun Luiz de Oliveira apresenta o “ensino menor de filosofia” através da experiência do *consultório filosófico*, projeto do Subprojeto Filosofia do PIBID da UFRN/Natal. Depois, Sueny Nóbrega Soares de Brito traz “a experiência de si no processo de ensinar e aprender no ensino de filosofia”, que retoma a experiência própria de ensinar filosofia a partir das

⁵ “No processo de aprendizagem, eles [os estudantes de licenciatura] foram constituindo-se como estudantes, mas também como docentes, já que, de maneira consciente ou inconsciente, ao lado de alguns conteúdos de filosofia, ‘aprenderam’ diversas formas de ensiná-la. O fato de que as concepções de filosofia e de ensino que foram incorporadas sejam matizadas ou pouco variadas fará com que a experiência de formação tenha maior ou menor riqueza” (CERLETTI, 2009, p. 59).

discussões suscitadas no mestrado.

Consultório filosófico: Ensino menor de filosofia

Não seria exagero afirmar que o exercício de pensamento e problematização sobre os modos envolvidos na aprendizagem filosófica parece ser uma atividade que ainda não saiu da fase de fundamentação no Brasil. Além de uma tendência flagrante nos departamentos de filosofia, nas universidades Brasil a fora para privilegiar os cursos de bacharelado, não é incomum declarações de professores desses mesmos departamentos, no sentido de negar e desqualificar a necessidade de uma didática para a Filosofia. Há ainda aqueles que, embora façam da filosofia a sua profissão até mesmo como professores da Educação Básica, entendem-na como uma atividade para iniciados, distante do grande público.

Apesar disso, esforços ora isolados, ora confluentes têm se projetado no sentido de desenvolver materiais que auxiliem nas relações de aprendizagem que concernem à filosofia. E há cerca de dez anos, quando a filosofia volta a ser disciplina obrigatória nos currículos da Educação Básica, tais esforços ganharam fôlego que acabaram por gerar consequências, que se concretizaram justamente na necessidade de avançar nas discussões próprias das relações de ensino e aprendizagem filosófica.

É nesse sentido que surge o Mestrado Profissional em Filosofia (PROF-FILO), que, embora esteja com suas primeiras turmas espalhadas por vários núcleos pelo Brasil, já tem contribuído significativamente para, ao mesmo tempo em que problematiza as relações de aprendizagem filosófica que até aqui se projetaram, pensa e constrói o caminho por onde tais relações podem avançar e se aperfeiçoar.

O PROF-FILO apresenta como novidade uma característica que mestrados acadêmicos em filosofia, por sua limitação bacharelesca, não contempla: o de pensar uma prática didática para a aprendizagem propriamente filosófica justificada por um tema, conceito ou referencial igualmente filosófico. Se pesquisadores, bacharéis em Filosofia se assentam de forma teleológica no destrinchar e esgotar dos temas filosóficos, mesmo que com possibilidade de avanço conceitual, o pesquisador do PROF-FILO, além da apropriação e domínio filosófico dos temas, busca uma atividade prática que esteja didaticamente justificada em alguma conceituação propriamente filosófica. Ou seja, o pesquisador do PROF-FILO enfrenta – se não de forma nova, mas pelo menos atualizada – o distanciamento entre teoria e prática.

E sendo assim, como mestrando do PROF-FILO passamos a relatar algumas experiências referentes ao percurso formativo dentro das disciplinas desta modalidade de mestrado. Pelo menos dois aspectos merecem destaque e, no que diz respeito à minha formação, foram lacunas da minha proposta de trabalho e pesquisa apresentada para ingresso no PROF-FILO.

Apesar de saber que queria fazer um trabalho sobre minha experiência de ter sido bolsista do PIBID na graduação, e até março de 2018 ter sido professor supervisor do mesmo programa, eu desconhecia tanto a necessidade, quanto a forma de fazer tal relato amparado tanto por um referencial metodológico como conceitual. E foi em duas disciplinas específicas (uma sobre *projetos de pesquisa* e outra sobre *a filosofia do ensino de filosofia*), no primeiro semestre de 2017, que pude reconstruir minha proposta de trabalho e me situar melhor, tanto no tocante à metodologia quanto ao referencial teórico que deveria fundamentar uma prática didática na aprendizagem filosófica. E para isso pude, inclusive, não abandonar a ideia de trabalhar com o PIBID, pois essa prática didática será uma atividade desenvolvida pelo próprio PIBID, o *Consultório Filosófico*, que voltarei a fazer menção mais à frente.

É tarefa de qualquer licenciado que ingressa na Educação Básica se “deseducar” dos modos acadêmicos, que em filosofia está estritamente arraigado a uma cultura erudita, de difícil comunicação com a cultura de massa da maioria dos alunos, principalmente na escola pública. Ainda não há uma transposição didática estabelecida dos conteúdos acadêmicos de filosofia para os conteúdos escolares, o que pode ser bom ou ruim do ponto de vista da liberdade do professor. De toda forma, cresce o entendimento de que é necessário correr certo “risco”, quando se devem mudar as formas tradicionais de apresentar esses conteúdos para que façam sentido na educação escolar. Apesar da crítica que teme tornar uma aula de Filosofia em qualquer outra coisa menos a própria filosofia, alguns movimentos já têm sido feitos no sentido de estabelecer essa mudança, da qual tenho buscado me inserir.

A partir do conceito de *Literatura menor*, por exemplo, desenvolvido por Deleuze (1992) para elaborar a noção de uma *Filosofia menor*, alguns professores-filósofos brasileiros têm, há cerca de uma década – período que coincide com o retorno gradual da Filosofia como matéria obrigatória na Educação Básica, mais precisamente nas três séries do Ensino Médio -, investido esforços para construir e oferecer bases metodológicas, assim como materiais didáticos, que possam orientar as práticas docentes neste nível de ensino.

Essa noção de *Filosofia menor* busca um fazer filosófico que não esteja necessariamente preso aos modos tradicionais, que às vezes estão engessados pela forma

enciclopédica com que é abordado.

A História da Filosofia exerce em Filosofia uma função repressora evidente, é o Édipo propriamente filosófico [...] Na minha geração muitos não escaparam disso, outros sim, inventando seus próprios métodos e novas regras, um novo tom. (DELEUZE, 1992, p. 14)

Assim sendo, uma das abordagens mais utilizadas por esses professores que têm buscado pensar a aprendizagem filosófica no Brasil, é transportada desse conceito desenvolvido por Deleuze. A partir dessa noção, tem-se buscado pensar atividades filosóficas resistentes aos modelos tradicionais, que sirvam como uma brecha de fuga frente às formas enrijecidas que ainda caracterizam a maioria das atividades na relação ensino-aprendizagem dentro das escolas, realidade que a filosofia não está imune. Gallo é um desses professores-filósofos brasileiros que têm se debruçado sobre o tema, onde desenvolve algumas perspectivas interessantes, dentre elas o conceito de *educação menor*.

A *educação maior* é aquela dos planos decenais e das políticas públicas de educação, dos parâmetros e das diretrizes, aquela da constituição e da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, pensada e produzida pelas cabeças bem-pensantes a serviço do poder. [...] é aquela que quer instituir-se, fazer-se presente, fazer-se acontecer...

Uma *educação menor* é um ato de revolta e de resistência. Revolta contra os fluxos instituídos, resistência às políticas impostas; sala de aula como espaço a partir do qual traçamos nossas estratégias, estabelecemos nossa militância [...] é um ato de singularidade e de militância. (GALLO, 2013, p. 64-65).

Seguindo na via dessa educação menor que nos propõe Gallo (2013), decido aqui por um *ensino menor de filosofia*. Quero me referir a um embasamento conceitual consistente, que direcione as relações com Filosofia na escola, dentro ou fora de sala de aula, que tenham como objetivo justamente atividades que sejam uma rota de fuga, uma negação, uma decepção (DELEUZE, 1992) para as expectativas da tradição filosófica, embora desta não se possa afastar. Ou seja, ao mesmo tempo em que se reconhece que o arcabouço filosófico que herdamos como conteúdo é resultado dos esforços dos filósofos para responderem e corresponderem significativamente à questões de suas épocas, se reconhece, também, que os modos e os meios de lidar com esse arcabouço precisam de constante atualização.

É nesse sentido que, inclusive, a própria formação docente para a Educação Básica está para além da sala de aula, pois é preciso observar e viver as dinâmicas da escola, os corredores, o refeitório, um dia em que os alunos são liberados mais cedo por falta d'água ou

de merenda; a escola funcionando sem o quadro completo de professores, que impõe ter que se adaptar à realidade, adiantar ou ceder horários na relação com os outros professores, etc.

Mas é também a experimentação de alternativas que podem ir gerando as novas formas de fazer a filosofia significativa no Ensino Médio. Nesse sentido, para concluir, refiro-me brevemente ao PIBID – Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência que tive oportunidade de participar como bolsista e supervisor. Projetos do PIBID como o *consultório filosófico*, uma atividade lúdica, que apresenta a filosofia usando trocadilhos de filósofos com termos técnicos da medicina e da farmacologia (Kierkegaardenal, Platoxetina, Aristotelina, Nietzulida, Sartrol, etc). A partir de uma conversa (filosófica) com o “paciente”, chega-se à conclusão do “medicamento” que ele deve tomar. Na prática, o que se busca é uma forma de propor a leitura de obras filosóficas para quem contribui participando do projeto como “paciente”.⁶ Enfim, é um caminho aberto e que serve de alternativa e resistência aos modos tradicionais e naturalizados de ensino. O *consultório* e outros exemplos de *ensino menor* abrem um caminho para a construção de um ensino de filosofia mais significativo e correspondente ao jovem e adolescente dos nossos dias.

Experiência de si no processo de ensinar e aprender no ensino de filosofia

O ensino de filosofia na educação básica deve permanecer como um problema filosófico, seja pela necessidade de sempre colocarmos a questão *O que é a filosofia?*, ou conseqüentemente, pela necessidade de repensarmos as práticas docentes que levem a um ensino filosófico da filosofia. Pretendo discutir sobre a docência em filosofia e analisar o ensino dessa disciplina a partir da minha experiência docente. A análise sobre minha prática no ensino de filosofia aconteceu a partir da indagação proposta na disciplina Filosofia do Ensino de Filosofia, no Mestrado Profissional (PROF-FILO/UERN/Campus Caicó): ensino filosofia como uma atividade filosófica ou considero apenas um ensino historicista dos filósofos e dos problemas da filosofia?

A oportunidade de rever a própria experiência e colocá-la em debate junto a outros pesquisadores que reconhecem a necessidade de repensar o ensino continuamente, colocou-me à disposição para reelaborar discussões que me fizeram compreender a filosofia no âmbito da experiência do pensamento.

⁶ Uma reportagem bem ilustrativa do *consultório filosófico* foi ao ar em um jornal matinal da Intertv Cabugi, filiada da Rede Globo, em 14/09/2017. Disponível em: <http://g1.globo.com/rn/rio-grande-do-norte/bom-dia-m/videos/v/grupo-de-estudantes-e-professores-da-ufnr-criam-o-projeto-consultorio-filosofico/6147502/>.

A experiência é o que nos toca, nos passa, o que acontece (LARROSA, 2002), a cada dia se passam muitas coisas, mas o que nos toca é o que podemos pensar como experiência. Ao pensar dessa forma me posiciono nesse texto a partir de acontecimentos em minha experiência profissional, necessariamente nas coisas que me tocaram. Para Heidegger (*apud* LARROSA, 2002, p. 25)

[...] fazer uma experiência com algo significa que algo nos acontece, nos alcança; que se apodera de nós, que nos tomba e nos transforma. Quando falamos em ‘fazer’ uma experiência, isso não significa precisamente que nós a façamos acontecer, ‘fazer’ significa aqui: sofrer, padecer, tomar o que nos alcança receptivamente, aceitar, à medida que nos submetemos a algo. Fazer uma experiência quer dizer, portanto, deixar-nos abordar em nós próprios pelo que nos interpela, entrando e submetendo-nos a isso. Podemos ser assim transformados por tais experiências, de um dia para o outro ou no transcurso do tempo.

A experiência no ensino é algo que me atropela. O que recebo e harmonizo nos encontros desses acontecimentos imprevisíveis da docência é o que me toca. A atividade como docente é uma das relações que me toca por ser a partir dela que me transformo e transformo o outro: “Um leitor que, após ler o livro, se olha no espelho e não nota nada, não lhe passa nada, é um leitor que não fez nenhuma experiência” (LARROSA, 2011, p. 09). A experiência é o que transforma, o que forma; algo que acontece mas não toca, não é possível considerar como experiência. A experiência é o que nos acontece e nos afeta de forma singular.

Se a experiência não é o que acontece, mas o que nos acontece, duas pessoas, ainda que enfrentem o mesmo acontecimento, não fazem a mesma experiência. O acontecimento é comum, mas a experiência é para cada qual sua, singular e de alguma maneira impossível de ser repetida. (LARROSA, 2002, p. 27).

A capacidade de formação e transformação vai depender da abertura de cada um, da atenção e do cuidado que temos com determinado acontecimento: “o sujeito da experiência é um sujeito ex-posto, ou seja, receptivo, aberto, sensível e vulnerável”. (LARROSA, 2008, p. 187). É um sujeito que se entrega ao acontecimento, não é intencional, e se relaciona com o mundo, com os outros e consigo mesmo a ponto de esperar o inesperado.

Nessas relações, é possível destacar que o ensinar me toca. O que posso pensar sobre o que é ensinar? Como harmonizo os acontecimentos inesperados com minha existência? Posso dizer que ensinar é o que se passa entre os sujeitos, tanto com o que vem de fora como com o

que se constrói internamente; é contribuir para que o outro e eu mesmo possa aprender, transformar-me e transformar o outro. E o que posso entender como aprender? Se ensino aprendo? Como ensino e aprendo? Ao considerar minha experiência no ensinar e aprender, sinto que ensino e aprendo a cada experiência que me toca. Algumas vezes, nesses acontecimentos, elaboro pensamentos e provooco pensamentos não esperados naqueles com os quais me relaciono na relação ensinar-aprender. Está exposto ao que me acontece é o que me torna um sujeito da experiência: “O sujeito da experiência tem algo desse ser fascinante que se ex-põe atravessando um espaço indeterminado e perigoso, pondo-se nele à prova e buscando nele sua oportunidade, sua ocasião” (LARROSA, 2002, p. 25).

Na docência considero indispensável pensar o ensinar filosofia a partir de problemas, necessariamente os que me tocam e tocam a vida dos alunos. A filosofia vivida e ensinada nessa perspectiva é experienciada no ensino a partir de um problema que possa conduzir o professor e aluno a pensar suas atitudes na própria vida, não como elixir que conduz às soluções de seus problemas. Trata-se de um tornar-se capaz de pensar sobre si mesmo, sobre a vida e o que mobiliza o viver.

Os desafios e dificuldades no que se refere à construção de um caminho para o ensino-aprendizagem de filosofia que me afete e afete o outro são inúmeros. É inconclusivo e aberto o movimento de pensar a filosofia e seu ensino. Nessa perspectiva considero necessário perceber que “[...] o trabalho do cuidado, do pensamento, da filosofia, começa sempre pelo si mesmo; não há como provocar certo efeito no outro se antes não se fez esse trabalho consigo mesmo [...]” (KOHAN, 2009, p. 38).

Conclusão

Os desafios e as exigências que a filosofia e o seu ensino na escola nos colocam, começam pela sua institucionalização e culminam na formação de professores. Culmina, na verdade, no modo como o professor termina por se relacionar com a filosofia e, por isso mesmo, com seu ensino. Diante das reformas que vêm chegando, os cursos de formação de professores devem ser os primeiros a articularem a resistência. Resistir não significa ser contra, mas resistir no modo de fazer para encontrar um modo de fazer mais próximo à filosofia, à escola que habitamos. Nessa resistência, talvez possamos antecipar o lugar que se reservará à filosofia na educação básica. Por outro lado, enquanto formadores, ou menos pretensiosamente, enquanto abrimos caminhos para os que querem se dedicar ao ensino da

filosofia na escola, deveríamos sempre nos comprometer com o que se faz e como se faz filosofia na educação básica. Deveríamos “sentir” com a escola o cheiro que a filosofia lá tem. Sem esse “cheiro”, qualquer proposta elaborada será sempre por fora ou sobre e talvez nunca toque nem chegue a provocar qualquer experiência relevante.

Nesse caso, para sentir a filosofia que se ensina na escola seria necessário considerar a experiência e as vivências dos que habitam a escola. Pensamos aqui nesse texto apenas no professor de filosofia, mas certamente também deveríamos considerar a experiência dos alunos. Acreditamos que o encontro com os professores de filosofia, não somente, mas também como formação continuada, pode abrir brechas e fazer dos professores aliados, para que o compromisso com a filosofia, com a filosofia que certa vez e ainda hoje nos provoca, se torne reação. Para ser significativo, esse encontro tem que provocar reação, resistência e, por isso, mesmo, instaurar acontecimentos na escola, na aprendizagem e no ensino.

Referências

BRASIL. Lei nº 11.684, de 02 de junho de 2008. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11684.htm#art1>. Acesso em: 15/06/2017 (Altera o art. 36 da Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir a Filosofia e a Sociologia como disciplinas obrigatórias nos currículos do ensino médio).

BRASIL. Lei nº 13.415, de 16 de fevereiro de 2017. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2017/Lei/L13415.htm#art1> Acesso em: 15/06/2017 (Altera as Leis nos 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, ...).

CERLETTI, A. **O ensino de filosofia como problema filosófico**. Tradução de Ingrid Müller Xavier. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2009. (Coleção Ensino de Filosofia).

Cruz do Sul, v. 19, n. 2, p. 4-27. jul./dez. 2011. Disponível em: <<file:///C:/Users/danyl/Downloads/2444-9901-1-PB.pdf>>. Acesso em: 20 de maio de 2017.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. 3ª Ed. São Paulo: Ed. 34, 2013.

GALLO, Silvio. **A filosofia e seu ensino: conceito e transversalidade**. **ETHICA**. Rio de Janeiro, V.13, N.1, P.17-35, 2006.

GALLO, Sílvia. **Deleuze e a Educação**. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

KOHAN, Walter Omar. **Filosofia: O paradoxo de aprender e ensinar**. Tradução de Ingrid Müller Xavier. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2009. (Coleção Ensino de Filosofia).

LARROSA, Jorge. Desejo de realidade – Experiência e alteridade na investigação educativa. In: BORBA, Siomara; KOHAN, Walter (Org.). **Filosofia, aprendizagem, experiência**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

_____. Experiência e alteridade em educação. **Revista Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v.19, n2, p.04-27, jul./dez. 2011.

_____. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Tradução de João Wanderley Geraldi. Espanha: Universidade de Barcelona, 2002. Disponível em:
<<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf>>. Acesso em: 17 de maio de 2017.

SEVERINO, Antônio Joaquim. Do ensino da filosofia: estratégias interdisciplinares. **Educação em Revista**, Marília, v.12, n.1, p.81-96, Jan.-Jun., 2011. Disponível em:
<<http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/educacaoemrevista/article/view/1539>>. Acesso em 19/03/2018.